

## A REJEIÇÃO DE JESUS NA SINAGOGA EM NAZARÉ COMO AÇÃO PARABÓLICA

Carlos Alberto Maia Guerra<sup>7</sup>

### RESUMO

O autor do artigo analisa a rejeição de Jesus na sinagoga de Nazaré, conforme registrado em Lucas 4.16-30, à luz do método da “ação parabólica”, amplamente utilizado pelos profetas do Antigo Testamento. Jesus, dentre os recursos homiléticos disponíveis, empregou a linguagem simbólica e profética para anunciar que o Reino de Deus havia irrompido e que Ele era o Messias prometido. O episódio funcionou como uma “parábola viva”, revelando a natureza inclusiva do Reino, que transcendia a pequena aldeia Nazaré e a nação de Israel, alcançando também os gentios, conforme profetizado em Isaías 61.1-2. A princípio, a mensagem foi acolhida de forma positiva, mas logo despertou uma forte rejeição, antecipando o padrão que marcaria todo o ministério de Jesus até a crucificação. No entanto, essa rejeição fazia parte do plano divino, pois Deus estava criando o “Novo Israel”, que incluía os gentios não como uma solução tardia, mas como a realização da promessa e da escolha divina. A pesquisa, de caráter bibliográfico e abordagem exegética, busca demonstrar que a ação de Jesus em Nazaré pode ser compreendida como uma parábola dramatizada que revela o propósito divino, a missão messiânica de Jesus e o cumprimento das Escrituras.

**Palavras-chave:** Jesus; Missão; Rejeição; Parábolas; Ação Parabólica.

### INTRODUÇÃO

Durante seu ministério, Jesus usou tanto parábolas quanto ações parabólicas para comunicar a mensagem sobre o Reino de Deus. A perícopes sobre o manifesto de Jesus na sinagoga de Nazaré, registrado em Lucas 4.16-30, marca o primeiro anúncio público de Seu ministério, revelando que Ele estava ciente de que sua hora havia chegado. Este episódio pode ser compreendido como uma ação parabólica, um método que usa gestos simbólicos ou proféticos, para transmitir verdades espirituais e reforçar o entendimento.

Ações simbólicas (ações parabólicas) é um método utilizado para comunicar uma mensagem, enfatizando o ensino não verbal. Esse método foi amplamente usado na Bíblia, especialmente por Jesus e os profetas, para ensinar lições espirituais

---

<sup>7</sup> Carlos Alberto Maia Guerra é Mestrando em Ministérios pela Carolina University na Carolina do Norte. Pós-Graduado em Docência Superior em Teologia pela Faculdade Teológica de Ensino Superior – Instituto Bíblico Ebenézer. Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica de Ciências Humanas e Sociais – LOGOS – FAETEL de São Paulo. [prcarlosguerra@gmail.com](mailto:prcarlosguerra@gmail.com).

profundas de maneira acessível e memorável. É um ato concreto realizado por uma figura religiosa que funciona como uma “parábola em ação”, expressando ou ilustrando uma verdade espiritual ou uma crítica profética, onde a mensagem é vivenciada e concretizada na pessoa do profeta. Jeremias (1986, p. 228), afirma que “as ações parabólicas de Jesus são pregação. Jesus não só pregou a mensagem das parábolas, mas também as viveu e as corporificou em sua pessoa. Jesus não só fala a mensagem do reino de Deus, ele a é ao mesmo tempo”.

Em relação à diferença entre parábolas e ações parabólicas, a primeira é uma narrativa fictícia mais elaborada e detalhada, geralmente uma história com início, meio e fim, usada para transmitir uma lição moral ou espiritual (Parábola do Bom Samaritano). A última é mais curta, geralmente apenas uma frase, uma ação ou declaração simbólica carregando um significado profundo: “Eu sou o pão da vida” (Jo 6.35). Exemplos desse método são encontrados nos atos simbólicos dos profetas do Antigo Testamento, como Jeremias quebrando o vaso de barro (Jr 19), para ilustrar o juízo de Deus sobre Jerusalém.

De acordo com Martinez (1984, p. 185), “o estudo dos objetos simbólicos deve ser complementado com as ações do mesmo personagem. Muitas vezes, por indicação divina, os profetas realizavam atos — muitas vezes incomuns — com a intenção de tornar sua mensagem mais vívida e penetrante”. Kunz (2021, p. 12), argumenta que ações parabólicas não são apenas uma forma de ilustrar uma verdade, mas que elas incorporam a mensagem em si. Segundo ele, essas ações se tornam a mensagem proclamada pelo profeta ou Cristo, tornando-as tanto o meio quanto o conteúdo da proclamação.

A presente pesquisa, de natureza bibliográfica, com abordagem histórico-gramatical, busca analisar a rejeição de Jesus em Nazaré como uma ação parabólica, com o objetivo de compreender como esse episódio antecipou a rejeição maior que Jesus enfrentaria em Sua missão Messiânica.

## **1. TEXTO SOBRE A REJEIÇÃO DE JESUS NA SINAGOGA EM NAZARÉ**

O relato da forte rejeição de Jesus em Nazaré pela população de sua cidade natal foi preservado nos evangelhos sinóticos (Mt 13.54-58, Mc 6.1-6a e Lc 4.16-30). Este episódio ocorre depois do batismo de Jesus no Jordão por João Batista, acompanhado pela declaração Divina e logo após enfrentar a tentação no deserto. Na

época, Jesus tinha 30 anos quando iniciou Seu ministério (Lc 3.23). Lucas reconhece que Jesus possuía um ministério ativo em outras regiões (Lc 4.14). O contraste com as outras regiões da Galiléia, onde Jesus foi louvado (Lc 4.15), é digno de nota.

### **1.1. Visão geral da perícope**

Lucas destaca que Jesus retornou à Galiléia no poder do Espírito Santo (ἐν τῇ δυνάμει τοῦ πνεύματος). A presença do Espírito, que já havia se manifestado em Seu batismo (Lc 3.21-22) e durante Sua tentação (Lc 4.1), agora mostra que Jesus está totalmente equipado. Conforme Cardoso (2008, p. 126), esses eventos “registram a última fase da preparação de Jesus para Seu ministério terreno. O ministério de João e o batismo de Jesus, a genealogia de Jesus e Seu triunfo sobre o tentador servem para autenticar Jesus tanto como Filho do Homem quanto como Filho de Deus”. O retorno de Jesus à Galiléia foi diferente de Sua partida para o Jordão ao encontro de João Batista. Sob o controle do Espírito Santo, Jesus retorna especialmente capacitado para iniciar Sua missão Messiânica, enfrentando os desafios e resistência de Seu próprio povo. Segundo Lucas uma das primeiras cidades visitadas por Jesus na Galiléia foi Nazaré, o lugar onde Ele cresceu.

Lucas relata que Jesus foi convidado pelo líder da sinagoga para realizar a leitura e lhe foi entregue o livro do profeta Isaías (Lucas 4.17). Ao desenrolar (ἀναπτύξας) o livro, Jesus “achou” (εὑρεν) o texto de Isaías 61.1-2a. Muitos estudiosos debatem se a leitura realizada por Jesus já fazia parte do plano litúrgico do dia ou se foi algo intencional. Para Champlin (2002, p. 49), “a lei era sistematicamente lida [...] a seleção dos profetas era escolhida pelo próprio leitor. E realmente característico de Jesus que ele tivesse selecionado justamente essa passagem que brilha com a mensagem da misericórdia e da compaixão de Deus”. Já para Constable (2024), “ninguém sabe ao certo se alguém pediu a Ele para ler esta passagem em particular ou se Ele escolheu fazê-lo, mas o contexto favorece a segunda alternativa ao enfatizar a iniciativa de Jesus”. No entanto, Rienecker (2021, p. 88), argumenta que tudo indica que Jesus não escolheu ou procurou esta passagem intencionalmente, se tivesse: “o texto simplesmente diria: “Ele leu”. O termo grego heure, implica que ele leu uma passagem que se abriu por si mesma. É plausível que Jesus não poderia ter recebido da mão do Pai nenhum texto que se ajustasse melhor à situação do momento”. Não há consenso, se Jesus escolheu o trecho intencionalmente ou não, se considerado

que Ele o fez de forma intencional, isso reforça a idéia da intenção clara de anunciar Sua missão messiânica. Além disso, a organização dos eventos por Lucas pode ter sido uma estratégia para destacar a importância desse momento em sua narrativa.

Após a leitura, Jesus fez uma breve declaração “sermão de uma linha”<sup>8</sup>: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabam de ouvir” (Lc 4.21), o que gerou certo suspense em seus ouvintes. Ao ler a profecia de Isaías e aplicá-la a si mesmo, Jesus revelou Sua missão messiânica. A partir desse momento, houve um contraste de atitudes no grupo: primeiro, a admiração - “Todos davam testemunho dele e se maravilhavam das palavras cheias de graça que lhe saíam dos lábios” e depois, questionamento - “Não é este o filho de José?” (Lc 4.22). A rejeição ocorreu devido à interpretação das Escrituras e à proclamação do período de salvação de Deus. Essa ação inesperada gerou um conflito e uma reação negativa pelos ouvintes.

Em seguida, Jesus cita dois provérbios (παραβολή, parabolé): “Médico, cure-se a si mesmo” (Lc 4.23) e “De fato, afirmo a vocês que nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra” (Lc 4.24), isso mostra que Seu ministério seria marcado pela rejeição, por fim ilustra citando os exemplos de Elias e Eliseu, onde está implícito a missão aos gentios. Segundo Jeremias (1986, p. 228), “as parábolas são, não exclusivamente, mas em grande parte, armas de luta. Cada uma delas exige uma resposta concreta e imediata”. A reação de incredulidade e rejeição por parte de seus conterrâneos já antecipava o padrão de rejeição que Ele enfrentaria ao longo de todo o seu ministério até a cruz.

## 1.2 Delimitação do texto

A perícope de Jesus na sinagoga em Nazaré e sua rejeição pode ser delimitada do verso 16 a 30, do capítulo 4 no Evangelho de Lucas. Para Dias (1981, p. 11), “são principalmente razões literárias que nos levam a limitar o texto de análise a Lc 4.16-30. Parece-nos claro que se trata de um texto estruturalmente fechado, uma sequência completa, integrada nos parâmetros duma inclusão semítica”. Alguns aspectos mostram essa delimitação:

a) Há uma indicação de tempo logo no início da perícope: observa-se a expressão “E ele veio a Nazaré” (Καὶ ἦλθεν εἰς Ναζαρέτ). Jesus dá continuidade ao seu

---

<sup>8</sup> EDWARDS, James R. **The Gospel According to Luke**. The Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U.K.: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 2015. p. 138.

ministério em Nazaré (Lc 4.16), indicando que um novo tema está para ser desenvolvido. O termo *Kai* (e, também, até mesmo, realmente, mas) no verso 14 e 16 mostra que há uma mudança temporal em relação à perícopes anterior;

**b)** Os eventos anteriores mostram que logo após o batismo, Jesus foi levado ao deserto para ser tentado (Lc 4.1-13) e, em seguida, após a tentação, retornou para a Galiléia, onde ensinava nas sinagogas e nas terras nos arredores (Lc 4.14-15);

**c)** Há uma introdução de novos personagens. Enquanto nas perícopes anteriores as figuras de João Batista e do tentador pareciam estar no centro, de certa forma, Jesus agia passivamente. Agora, Jesus está no centro das atenções, e outros personagens são introduzidos no decorrer desta perícopes.

Da mesma forma, pode-se ver que o verso 30 encerra a perícopes da rejeição, marcando o fim do evento em Nazaré pelos seguintes aspectos:

**a)** A rejeição de Jesus pelos seus conterrâneos contrasta com a recepção favorável mencionada nos versos introdutórios e finais (Lc 4.14-15,31-32), completando a estrutura narrativa;

**b)** Essa delimitação (Lc 4.16-30) é amplamente reconhecida devido à sua coesão literária, que também se reflete nos relatos paralelos nos outros evangelhos;

**c)** Há um desenvolvimento temático, que se concentra no anúncio da missão de Jesus, a reação inicial de admiração, a subsequente rejeição e o desenlace do conflito;

**d)** Do verso 30 aos versos 31 e 32, há novamente uma mudança de espaço, que indica que uma nova perícopes está por iniciar. Jesus sai de Nazaré e desce a Cafarnaum, e a população “maravilharam-se com a sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade”.

### 1.3 Crítica textual

Em relação às variantes do texto, segundo Nestle e Aland (2016, p. 193-194), corroboradas pela obra *Variantes Textuais do Novo Testamento: Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”* (2010, p. 113), não há variantes relevantes na perícopes em análise que demandem estudo específico ou que possam alterar o sentido do texto. Para Dias (1981, p. 16), o texto de Lucas 4.16-30 apresenta excelente preservação, transmitido com fidelidade nos códices do Novo Testamento, tanto em grego quanto em latim. No entanto, destaca que o “códice grego D ou δ5,

chamado Beza ou Cantabrigensis [...], copiado nos séculos V/VI, apresenta pequenas variantes formais, sem importância doutrinal e até de somenos relevância gramatical”.

Conforme as Variantes Textuais do Novo Testamento: Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego” (2010, p. 113), as pequenas variações no texto, não alteram a mensagem central da perícopa. Os editores do Novo Testamento Grego atribuíram a letra {B} em favor ἀναπτύξας (tendo desenrolado) no v.17 para fazer a ação corresponder com o v.20, considerando-a como a mais original, e a letra {A} em favor de ἀπέσταλκέν με (ele me enviou) no v.18, pois a mesma reflete um acréscimo na tentativa de harmonização com a Septuaginta.

## **2. CONTEXTO DA PERÍCOPE SOBRE A REJEIÇÃO NA SINAGOGA EM NAZARÉ**

Lucas relata que Jesus estando em Nazaré, no sábado, foi à sinagoga como era seu costume. Esse hábito, evidentemente, foi desenvolvido durante a sua infância, por isso também é dito: onde tinha sido criado (οὗ ἧν τεθραμμένος). No entanto, para uma melhor compreensão da perícopa, será analisado o contexto histórico, político e cultural da sinagoga.

### **2.1. A sinagoga, seu contexto histórico e político**

Para os judeus, as sinagogas tinham um significado muito importante na sua vida religiosa. Pode-se observar, tanto no contexto anterior quanto no posterior da perícopa, que Jesus fazia das sinagogas seu centro de atividades de ensino e pregação. O autor do dicionário Vine (2002, p. 994-995), diz que “a origem da “sinagoga” judaica deve, provavelmente, ser designada ao tempo do exílio babilônico. Não tendo templo, os judeus se reuniam no sábado para ouvir a lei, e a prática continuou em vários edifícios depois da volta do exílio (SI 74.8)”.

As sinagogas existiam em todas as cidades e vilarejos da Judéia e Galiléia, bem como em outros países. Segundo Tenney (1995, p. 113-114), “onde houvesse dez homens para formar uma congregação, eram criadas sinagogas em várias comunidades”. Na sinagoga era desenvolvida uma religião mais intimista, onde o povo estudava as Escrituras e demonstrava uma fé simples e genuína. Como bem expressou Cardoso (2008, p. 25), a sinagoga era “a religião da pequena comunidade”, era o local “onde uma religião mais pessoal podia ser buscada por meio do estudo da Torah”. Para Levine (2005, p. 135-136):

existe um paralelo entre a gama de funções dentro da sinagoga e aquelas que encontraram expressão em alguns templos pagãos contemporâneos. Frequentemente cercados por pátios e salas auxiliares, esses edifícios ou complexos podem, às vezes, funcionar como bibliotecas, mercados, bancos e até mesmo como locais para estudo e aprendizado. Como um local de reunião para collegia ou sodalitates, o templo atendia a algumas das necessidades religiosas, sociais, políticas e econômicas dos membros dessas associações.

Levine (2005, p. 143) acrescenta ainda que a sinagoga “servia como um lugar para administrar a justiça”. Assim, as sinagogas possuíam funções comunitárias amplas. Eram, ao mesmo tempo lugares de oração e instrução, funcionando em paralelo ao Templo.

## **2.2. A sinagoga, seu contexto cultural**

A sinagoga era o local central da vida religiosa e social judaica, onde os judeus preservavam sua identidade cultural e espiritual. Era o espaço de leitura da Torah, explicação das Escrituras e transmissão dos ensinamentos dos profetas. Diferentemente do Templo, serviam tanto para o culto aos sábados quanto para a escola primárias para os meninos durante a semana, refeições coletivas e para resolver questões comunitárias. Jesus, como um judeu piedoso, frequentava regularmente a sinagoga, o que fica evidente em Lucas 4.16.

A rejeição de Jesus em Nazaré não foi apenas uma questão pessoal, mas um reflexo do conflito entre a mensagem do Reino de Deus e as expectativas messiânicas equivocadas do povo judeu. Na perícopes pode-se observar que Lucas não dá muitos detalhes sobre o serviço litúrgico, pois o seu foco está em Jesus. Nas reuniões de sábado, o líder da sinagoga costumava convidar um rabino visitante para ler as Escrituras e ensinar. A celebração incluía a leitura de um trecho da Torah, um trecho dos profetas e, em seguida uma homília. Havia também a citação do Shema, entre outras práticas litúrgicas. Segundo Tenney (1995, p. 123), em cada sinagoga havia um: “chefe da sinagoga (Mc 5.22), que era provavelmente eleito de entre os anciãos por meio de voto. O diretor presidia aos cultos da sinagoga, atuava como instrutor em caso de disputa (Lc 13.14) e apresentava à assembleia os que apareciam de visita”.

As sinagogas depois do exílio, pouco a pouco foram se tornando o centro da religião judaica e assumindo relevo e importância cada vez maior no culto judaico ao lado do Templo. Desta forma compreender o contexto histórico, político e cultural das

sinagogas judaicas permite entender a escolha de Jesus em iniciar Seu ministério público nesse ambiente.

### **3. ANÁLISE DA PERÍCOPE SOBRE A REJEIÇÃO NA SINAGOGA EM NAZARÉ**

O episódio é registrado nos Evangelhos Sinóticos, mas sua exata cronologia e significado teológico tem sido tema de debate entre os estudiosos, com diferentes perspectivas teológicas e exegéticas que influenciam essa discussão. A principal questão envolve se o relato de Lucas 4.16-30 descreve o mesmo evento narrado em Mateus 13.53-58 e Marcos 6.1-6, ou se trata de um episódio distinto.

#### **3.1. A perícopes em lucas e sua relação com mateus e marcos**

Alguns estudiosos argumentam se esta perícopes é a mesma dos outros sinóticos. Para alguns Lucas deslocou cronologicamente o episódio da rejeição em Nazaré para enfatizar um ponto teológico específico. Champlin (2002, p. 49), no entanto afirma que “a passagem de Marcos 6.1-6 descreve uma segunda rejeição, parte da qual descrição é semelhante a esta narrativa”. Constable (2024), corrobora essa visão, destacando que “as diferenças entre o relato de Lucas e o relato em Mateus e Marcos parecem indicar dois incidentes separados. O incidente de Lucas provavelmente ocorreu no início do ministério galileu de Jesus, enquanto o que Mateus e Marcos registraram aconteceu mais tarde”. Morris (2007, p. 100), concorda e diz que “parece que Lucas está se referindo a um incidente colocado mais tarde por Mateus e Marcos. Não o considera como o início do ministério de Jesus, porque sabe de uma obra anterior (14,15), embora não resolve descrevê-la”.

Por outro lado Edwards (2015, p. 134), defende que “consiste principalmente de material de Marcos que Lucas assumiu e aumentou expandido por material do Evangelho Hebraico e da dupla Tradição. [...] Tanto Marcos quanto Mateus colocam a visita de Jesus a Nazaré perto do ponto médio de sua carreira, mas Lucas, em sua partida mais impressionante da sequência narrativa de Marcos, coloca o sermão em Nazaré no início do ministério de Jesus. Os muitos hebraísmos em 4:16-30 atestam a expansão Lucas de Marcos 6:1-6 com material do Evangelho Hebraico”. Entretanto, Hendriksen (2003, p. 338-339), argumenta que essa perícopes deve ser interpretada como um evento único, paralelo a Mateus e Marcos, e há algumas razões sólidas para considerar os três relatos como sendo do mesmo episódio, uma vez que:



a. O esboço geral da história é o mesmo nos três: Jesus entra em sua cidade natal no dia de sábado. Ensina na sinagoga. Resultado: perplexidade, crítica adversa, rejeição. b. Em essência, o mesmo dito dominical ocorre em todos os três relatos (Mt 13.57; Mc 6.4; Lc 4.24). c. O cenário histórico não cria nenhum a dificuldade, já que, segundo o relato de Lucas (veja 4.23), a rejeição de Cristo em Nazaré não ocorreu no início do ministério galileu, mas bem depois. A identificação é simplificada pelo fato de que, à parte do que está implícito em 4.23, não se anexa ao relato de Lucas nenhum a referência a tempo.

Para entender melhor as diferenças entre os evangelhos sinóticos sobre o episódio, pode ser muito útil o quadro comparativo apresentado por Dias (1981, p. 9-11). Ele cita a obra de A. de Brito Cardoso sobre a Sinopse dos Quatro Evangelhos, que oferece uma comparação visual e detalhada, facilitando a identificação das particularidades de cada um dos evangelhos sinóticos. Nele, você pode perceber como cada evangelho aborda o mesmo evento, ressaltando tanto as semelhanças quanto as diferenças em suas narrativas.

### **3.2. A organização literária e teológica de Lucas**

Um ponto de destaque nessa discussão é o critério que Lucas usou para organizar os eventos em seu Evangelho. Cardoso (2008, p. 123), argumenta que “Lucas foi escrito do ponto de vista de um historiador. O autor estava preocupado com precisão cronológica e geográfica. Lucas é o único evangelista que liga seus eventos narrativos à história secular. Ele também prestou atenção a pequenos detalhes pessoais”. Sobre a organização dos eventos, Hendriksen (2003, p. 338), observa que “não há concordância sobre o motivo pelo qual Lucas deixou o que provavelmente era a sequência histórica e coloca em seu Evangelho o relato da rejeição em Nazaré, no início de sua narrativa do grande ministério na Galiléia, enquanto Mateus e Marcos o colocam bem depois”. Alguns acreditam que Lucas simplesmente optou por um arranjo teológico. No entanto, Beacon (2006, p. 386), argumenta que:

o tratamento que Lucas dá a este episódio é um exemplo de organização lógica, mais do que cronológica. Se este for o mesmo episódio dos outros Evangelhos Sinóticos, ele não aconteceu no início do ministério de Jesus. Lucas coloca este episódio como o primeiro no seu texto por causa do seu significado lógico. Pela mesma razão, ele inclui a leitura de Jesus da passagem em Isaías 61 e a aplicação desta passagem à Sua própria missão. Lucas não deixa implícito que este seja o verdadeiro início do ministério de Jesus. Ele afirma que Jesus já entrara suficientemente na vida pública, pois a sua fama correu por todas as terras em derredor. E ensinava nas suas sinagogas (14-15).

Pode-se observar que os sinóticos mostram uma ligeira diferença no episódio de Nazaré. É possível que Lucas tenha organizado seu Evangelho para enfatizar a rejeição de Jesus como um tema central logo no início do ministério, preparando seus leitores para a oposição que ele enfrentaria posteriormente. No entanto, na perícopes não fica claro se Lucas fez uso de material adicional ou não, mas o acréscimo dos provérbios, a oportunidade recebida e a leitura do texto messiânico de Isaías indicam que Lucas tinha um propósito específico ao estruturar dessa forma.

A disposição de Lucas desta perícopes, diferentemente dos outros evangelistas, após o batismo e a tentação, mostra que Jesus, guiado pelo Espírito Santo, enfrenta um momento crucial: como e onde começar Sua missão messiânica. Lucas enfatiza que Jesus faz isso em um ambiente de ensino e confronto: a sinagoga em Nazaré. A perícopes marca o primeiro confronto público de Jesus, revelando que Ele estava consciente de que Sua hora havia chegado.

#### **4. AÇÃO PARABÓLICA DA PERÍCOPE SOBRE A REJEIÇÃO NA SINAGOGA EM NAZARÉ**

A perícopes sobre a rejeição pode ser considerada uma ação parabólica. Para finalizar a análise do texto, é fundamental refletir sobre algumas questões: Qual era seu propósito principal e por que anunciar Sua identidade messiânica neste momento de Sua vida e ministério? Por que escolher uma sinagoga em sua terra natal e não o Templo? Qual reação Ele esperava do seu público? Essas perguntas são essenciais para uma compreensão aprofundada da perícopes e auxiliam na contextualização da rejeição que Jesus enfrentou em resposta à sua oratória e ação.

##### **4.1. Estrutura quiástica da narrativa**

Ao analisar Lucas 4.14-30, identifica-se uma estrutura quiástica que organiza o episódio, enfatizando o contraste entre a recepção inicial e a rejeição final:

A - Jesus ensina na Galiléia e é aclamado (v.14-15)

B - Jesus na sinagoga de Nazaré, faz a leitura e uma declaração (v.16-21)

C - A reação do povo, a admiração logo é seguida de dúvida (v.22)

D - Declaração central, os profetas não são aceitos em sua própria terra (v.23-27)

C<sup>1</sup> - A reação do povo, demonstrando ira e rejeição (v.28-29)

B<sup>1</sup> - Jesus sai da sinagoga de Nazaré (v.30)

A<sup>1</sup> - Implicitamente, demonstra-se a rejeição em contraste com aclamação inicial.

O ponto central **D**, destaca a declaração de Jesus de que nenhum profeta é aceito em sua própria terra (v.24), servindo como o núcleo teológico do quiasmo. Essa afirmação explica a rejeição e amplia a missão de Jesus para além de Israel, sinalizando a inclusão dos gentios. É interessante ressaltar a relação existentes nos elementos: **A e A<sup>1</sup>**, que mostram a aclamação inicial e a rejeição final, sugerindo a transição de aceitação para oposição; nos elementos **B e B<sup>1</sup>**, destacam a presença de Jesus na sinagoga, marcando o início e o fim do episódio em Nazaré e nos elementos **C e C<sup>1</sup>**, que contrapõem a admiração inicial à ira e rejeição subsequentes.

A estrutura ressalta que o ministério de Jesus é profético e desafiador, rompendo expectativas locais e exclusivistas. A inclusão dos gentios e a rejeição pelos judeus de sua própria terra antecipam temas recorrentes no Evangelho de Lucas e em Atos dos Apóstolos. Essa organização quiástica reforça a mensagem central, criando um efeito de equilíbrio e profundidade no texto.

#### 4.2. Ação parabólica de Jesus na sinagoga

Em Sua declaração: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabam de ouvir” (Lc 4.21), pode-se observar que Jesus estava plenamente consciente sobre o cumprimento do programa escatológico de Isaías. Isso marca o ponto alto do anúncio de sua missão e o início da reação pública. Jeremias (1986, p. 228), observa que “o grande número das ações parabólicas de Jesus proclama a irrupção do tempo da salvação”. Ao interpretar o livro de Isaías e se identificar como o Messias, Jesus gerou tensão e divisão na sinagoga, levando à sua expulsão da cidade e à tentativa de homicídio por parte de pessoas que o conheciam desde a infância. Jeremias (1986, p. 228), também afirma que “Jesus não só pregou a mensagem das parábolas, mas também as viveu e as corporificou em sua pessoa. Jesus não só fala a mensagem do reino de Deus, ele a é ao mesmo tempo”.

Na perícopes pode-se observar critérios que de acordo com Kunz (2021, p. 27-28), caracterizam uma ação parabólica: a) o estilo, aqui apresenta uma mescla de narrativa e diálogo. O relato inicial apresenta a situação e em seguida há uma

interação entre os personagens. Aqui Jesus fala, pois está no centro das atenções, veja os versículos 21 e 23, 24 a 27 e outros personagens são agregados no decorrer desta perícopes. A narrativa, é vista nos versículos 14 a 20, 22, 29, 30 e o diálogo, é visto no versículo 22; b) a pessoa gramatical, na narrativa esta predominantemente na terceira pessoa; c) nesta perícopes, há 41 ocorrências verbais. Dentro da narrativa, 36 verbos aparecem, com 28 no passado — 20 dos quais estão no aoristo. No diálogo, o tempo presente ocorre duas vezes. Assim, quase metade dos verbos estão no aoristo; d) no tocante aos tipos de frase, há uma pergunta de retórica: “Não é este o filho de José?” e sentenças declarativas: “Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabais de ouvir” e “Em verdade vos digo que nenhum profeta é aceito em sua terra”; e) em relação a semântica observa-se a conjunção Καὶ que também é muito frequente na parte narrativa das ações parabólicas, aparecendo nesta perícopes 20 vezes. Na opinião de Kunz (2021, p. 93, 159), “esta conjunção ajuda na estrutura interna da narrativa da ação e na sua ideia de movimento”; e, f) com relação aos metaníveis, esse evento parece incompleto se for interpretado apenas como uma narrativa histórica e não como uma ação parabólica. Alguns estudiosos tem explorado esse episódio como um evento que vai além da sua historicidade e comunica uma mensagem simbólica e profética. Eles veem como representando temas mais amplos, como a rejeição dos profetas, a resistência de Israel à missão de Jesus ou a natureza da descrença. Sua rejeição antecipa o destino que ele enfrentaria em todo Israel e aponta para a inclusão dos gentios, algo que provocou a ira da audiência.

Para Wright (1996, p. 4296), o manifesto de Nazaré “foi um pouco claro demais, talvez: se o profeta não vai perecer longe de Jerusalém, sua mensagem subversiva deve ser vestida com um disfarce que apenas o olho que vê penetrará”. Na opinião de Wright (1996, p. 4313), “as parábolas não são apenas ‘sobre’ o retorno do Deus de Israel à sua história, para julgá-la, redimi-la e restaurá-la; elas também são agentes desse evento tão importante”. Guelich (1989, p. 310), observa que, na sinagoga, as “palavras de Jesus quanto suas obras eram “enigmas” (παράβολοι) para aqueles sem os ouvidos ou olhos da fé”.

Martinez (1984, p. 185), ao analisar as ações simbólicas vê que “em alguns casos, essas ações estavam profunda e dramaticamente enraizadas na experiência pessoal da pessoa que as realizava. Assim, o profeta deixava de ser um mero anunciador e se tornava um ator”. Sicre (1996, p. 156), classifica as ações simbólicas

em “três tipos básicos de ações simbólicas” e destaca que, apesar das palavras serem as mesmas, “a força expressiva, a capacidade de atrair a atenção dos ouvintes é muito maior na ação simbólica. Visualizam algo que as palavras só podem enunciar friamente. “Entram pelos olhos””. A ação de Jesus na sinagoga comunicou uma mensagem que vai além de suas palavras, tornando-se uma dramatização simbólica e profética que representava temas mais amplos.

Rienecker (2021, p. 86), destaca que a mudança rápida entre aceitação e rejeição de Jesus “repete-se em toda a vida profissional do Senhor: no começo aprovação – as massas querem transformá-lo em rei; depois, porém, afastamento, e até mesmo ódio e assassinato, e no final a cruz! E repetidamente vemos que o próprio Jesus provoca essa guinada!”. Constable (2024), vê um interesse particular do evangelista neste evento pois representa “um caso clássico de rejeição, no qual Nazaré simbolizava todo o Israel. Se assim for, esta é outra instância de metonímia: Nazaré representando todo o Israel. Ele também pode ter pretendido que se tornasse um modelo para o ministério da igreja, bem como um exemplo típico do ministério de Jesus”. Cardoso (2008, p. 126), indica que “a rejeição de Israel para com as bênçãos de Deus em favor dos gentios serviu como um prenúncio da extensão das bênçãos do Reino para todo o mundo por causa da rejeição de Israel para com sua bênção máxima, a pessoa e o ministério do Messias (4.24-27)”.

A rejeição de Jesus em Nazaré deve ser compreendida não como uma narrativa ou simples dramatização, mas como gênero literário chamado ação parabólica. Ao enquadrá-la como uma “parábola viva”, nos oferece uma nova perspectiva para o estudo das ações simbólicas e seu papel no ministério de Jesus. Ao considerar as ações de Jesus — como sua rejeição em Nazaré — como eventos parabólicos expande o escopo de como se entende sua comunicação. Esta abordagem desafia a pensar em Jesus não apenas como um professor de palavras, mas também como alguém cuja vida e ações incorporaram a mensagem do Reino de maneiras tangíveis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se compreender que a perícopa pode ser classificada dentro do gênero das ações parabólicas. O fato de Jesus não ter anunciado nas outras sinagogas ou no Templo, mas em Nazaré a Sua missão e messianidade, mostra um significado mais

profundo, pois possui implicações teológicas profundas para a compreensão da missão de Jesus. Primeiro, revela a autorrevelação de Jesus. Ao afirmar que a profecia de Isaías se cumpre nele, Jesus declara sua identidade messiânica e o propósito universal de Sua missão que deve ser compreendido à luz do programa esboçado em Isaías. Segundo, antecipa a oposição que Ele enfrentaria não apenas em sua cidade natal, mas em todo o Israel. Ao mencionar os gentios abençoados nos tempos de Elias e Eliseu, Jesus destaca a graça de Deus estendida a estrangeiros, desafia a exclusividade religiosa judaica e provoca a ira dos ouvintes. Ele antecipa o anúncio de que a salvação não era exclusiva dos judeus, Jesus confrontou diretamente uma mentalidade exclusivista que prevalecia entre seus contemporâneos. O resultado dramático de expulsar, com a tentativa de matar Jesus (Lc 4.28-30), pode ser vista como profética, pois representa a rejeição do profeta por seu povo, ecoando a trajetória dos profetas na história de Israel. A ação é um microcosmo e pode ser visto como um padrão que prenuncia a rejeição pelas lideranças judaicas em Jerusalém.

Essa rejeição, contudo, vai além da resistência à mensagem messiânica: ela abre caminho para a expansão do evangelho aos gentios. Esse tema será amplamente desenvolvido no restante de Lucas e no livro de Atos, revelando o plano salvífico universal de Deus. Dias (1981, p. 30), afirma que “o discurso que proferiu e a discussão que travou na sinagoga de Nazaré são já um indício da estratégia missionária cristã que deveria dirigir-se em primeiro lugar aos judeus (Jo 4.22) enquanto herdeiros das promessas messiânicas”. Constable (2024), comenta que “a referência ao “ano favorável do SENHOR” é uma alusão ao ano do jubileu, quando todos os escravizados em Israel receberam sua liberdade (Lv 25). Ela aponta para o reino messiânico terrestre, mas é mais geral e inclui o favor de Deus sobre os gentios”. Jesus declarou ser o Ungido citado por Isaías, que veio para trazer salvação, e que esse dia havia chegado. Fica claro que as ações e declarações realizadas por Jesus frequentemente desafiavam as expectativas culturais e religiosas de sua audiência. Os evangelhos preservaram testemunhos de eventos protagonizados por Jesus que muitas vezes possuem camadas simbólicas e proféticas.

Além disso, essa rejeição sublinha o tema do sofrimento messiânico. Jesus, como o Servo Sofredor, sabia que enfrentaria oposição, e esse episódio já prenunciava o padrão de rejeição que culminaria na cruz. Teologicamente, essa

passagem também reforça o conceito de um “Novo Israel” que não é definido meramente pela descendência biológica de Abraão, mas pela fé na mensagem do Reino de Deus. Como Lucas enfatiza, Jesus não veio apenas para os judeus, mas para todos os povos – um ponto que se tornaria central na missão da igreja primitiva.

A análise da rejeição de Jesus em Nazaré como ação parabólica inspira a uma reflexão mais profunda sobre como as ações de Jesus falam tão poderosamente quanto suas palavras, revelando as profundezas do Reino de Deus e os desafios que ele impõe à compreensão humana. Cabe lembrar também o que disse Wright (1996, p. 4313), “a análise narrativa das parábolas ainda está em sua infância”. Que haja motivação para continuar estudando a Palavra inspirada de Deus e o desafio de compreender cada vez melhor todos os seus propósitos.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Edição Revista e Atualizada no Brasil, 3. ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento: interpretado versículo por versículo: Lucas a João**. Vol 2. São Paulo: Candeia, 2002.

CONSTABLE, T. L. **Notes on Luke**: 2024 Edition, disponível em <https://soniclight.com/tcon/notes/html/luke/luke.htm> >. Acesso em: 03/12/2024.

DIAS, G. C. (1981). **A primeira Homilia cristã: Jesus na sinagoga de Nazaré** (Lucas, 4,16-30). Humanística E Teologia, 2(1). <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.1981.3480> >. Acesso em: 02/12/2024.

EDWARDS, James R. **The Gospel According to Luke**. The Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U.K: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 2015.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento:** exposição do Evangelho de Lucas. Vol. 1. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus.** Tradução de João Rezende Costa. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986.

LEVINE, Lee I. **The Ancient Synagogue:** The First Thousand Years. New Haven, London: Yale University Press. 2. ed. 2005.

MORRIS, Leon L. **O Evangelho de Lucas:** introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2007.

NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt; NESTLE, Eberhard; ALAND, Barbara. **Novum Testamentum Graece.** 28. revidierte Auflage Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2016.

OMANSON, Roger L. **Variantes Textuais do Novo Testamento.** Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Tradução e adaptação de Vilson Scholz. Barueri: SBB, 2010.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento.** Tradução de Marcelo Tolentino. São Paulo: Hagnos, 2008.

KUNZ, Claiton André. **As ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos.** Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2021. Ebook.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas:** comentário Esperança. Tradução de Werner Fuchs. 2. ed. Curitiba: Esperança, 2021.

SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel:** o profeta. os profetas. a mensagem. tradução de João Luís Baraúna. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.



TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento:** sua origem e análise. Tradução de Antônio Fernandes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

VINE, W. E; UNGER, Merril F; JR, Willian White. **Dicionário VINE** - O Significa do Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

WRIGHT, N. T. **Jesus and the Victory of God: Christian Origins and the Question of God.** Vol 2. UK. SPCK Publishing. 1996. Ebook.